

O P.^o Eugénio Jalhay

Por

IRISALVA NÓBREGA MOITA

Em 30 de Novembro de 1950 morria, prematuramente, em Lisboa, vítima duma congestão, o P.^o Eugénio Jalhay, um dos nomes que mais honraram a ciência arqueológica portuguesa nos últimos vinte e cinco anos.

Não conheci pessoalmente o P.^o Jalhay. Uma ou outra referências feitas nas aulas de Arqueologia ao ilustre prehistoriador e as notícias dos jornais àcerca das escavações de Sanfins e era tudo ou pouco mais.

Ultimamente, porém, o interesse pelo estudo da Arqueologia, pôs-me em contacto com a sua vasta obra, dispersa, quase toda, pelas páginas da «Brotéria», revista de cuja direcção fazia parte desde 1924. Vi que me encontrava perante um grande valor e que a Arqueologia, com a sua morte em pleno vigor científico, sofria uma grande perda.

Procurando hoje focar a sua vida e a sua obra nestas linhas destinadas ao «Arqueólogo Português», pretendo prestar uma justa homenagem a quem tanto e tão inteligentemente trabalhou para o desenvolvimento da nossa Prehistória, desbravando caminhos de que nós, os principiantes, nos havemos de aproveitar.

Eugénio Jalhay nasceu em Lisboa, a 13 de Julho de 1891, filho de Emile Auguste Jalhay, belga, que se estabelecera com a indústria de fiação na Covilhã, alguns anos antes, e de Adelaide da Ascensão Rogeiro Montez.

Registado, como os seus quatorze irmãos, no Consulado Belga, usou esta nacionalidade até ao decorrer da última guerra, altura em que se naturalizou português, oficialmente, porque português já o era, certamente, quem com tanto amor vinha desenterrando as origens da nossa cultura.

Aos 14 anos entrou como noviço para a Companhia de Jesus, no colégio que a Companhia mantinha no Barro, perto de Torres Vedras, onde

estudou Humanidades. Em 1910 seguia para Tortosa, em Espanha, e daqui passou à Lovaina, na Bélgica, onde estudou Filosofia. Concluídos os primeiros estudos, ensinou no Colégio Jesuita para portugueses de Jette-Saint-Pierre, onde permaneceu até 1914, altura em que aí o veio surpreender a primeira guerra mundial. Depois do insucesso da Bélgica, Jalhay passa à Inglaterra, para daí voltar novamente à Península em 1916. Uma vez em Espanha, ensina no Colégio que os Jesuitas portugueses tinham fundado em Los placeres, na Galiza. Pouco tempo, porém, aqui permaneceu, porque ainda no mesmo ano o Colégio foi transferido para La Guardia, continuando Jalhay a desempenhar o seu mister de professor. Para aprofundar os seus conhecimentos de Teologia, segue em 1919 para Oña, junto de Burgos e foi aqui que recebeu, finalmente, as ordens sacerdotais, em 1922.

Foi ainda durante o noviciado do Barro que o adolescente Eugénio Jalhay mostrou as primícias de um interesse decidido para os estudos arqueológicos. Esse interesse revelou-se quando das pesquisas feitas pelo já afamado cientista P.^o Bovier-Lapierre que se encontrava descansando no Colégio e que puseram a descoberto o célebre «Tholos» do Barro. Na exploração que prosseguiu nesse mesmo ano de 1909 sob a direcção do Dr. Félix Alves Pereira, então Conservador do Museu Etnológico, Jalhay apesar-da sua pouca idade, tomou nela parte activa; quando o Dr. Leite de Vasconcelos visitou o referido «Tholos», não lhe passando despercebidas as qualidades do futuro investigador, que tão cedo despontavam, entusiasmou-o a cultivar os estudos arqueológicos. Não foram baldadas as palavras do «patriarca» da nossa Arqueologia...

Durante a sua estadia na Bélgica essa paixão precoce revelada no Barro esteve como que em latência, até que, uma vez em Oña, desabrocha e enraiza-se finalmente, para o acompanhar até ao fim da vida. Datam da sua estadia em Oña, região rica em material pré-histórico, os seus primeiros reconhecimentos e as suas relações com as duas sumidades da Arqueologia espanhola: H. Obermaier e o Conde de La Vega del Sella.

De Oña, para aprofundar os seus estudos Teológicos, segue para Tronchiennes, na Bélgica, onde estuda a estação eneolítica de Ornal. Volta ao Colégio de La Guardia em 1924 e é nesta altura que passa a fazer parte da redacção da «Brotéria».

As hipóteses de Obermaier, Cartailhac e Breuil, elaboradas em 1907 sobre a existência duma nova indústria pré-histórica a que mais tarde deram

o nome de Asturiense, foram confirmadas a partir de 1914 pelas escavações a que o Conde de La Vega del Sella procedeu em toda a região cantábrica. Tratava-se de uma indústria colocada em estratos superiores ao paleolítico e inferiores ao neolítico. A partir de 1923, Obermaier e o Conde de La Vega del Sella emitem a hipótese desta indústria se espalhar também pela região galega e é a Jalhay que cabe a felicidade de dar plena confirmação a esta hipótese.



P.^o Eugénio Jalhay

Andando o P.^o Afonso Luisier a colher algas nas penedias do Atlântico, junto à foz do Minho, encontrou dois picos de quartzite e logo correu a mostrá-los a Jalhay, que viu tratar-se de dois picos asturienses.

Já há algum tempo vinha preocupando Jalhay o problema da origem de vários objectos de tipo asturiense encontrados naquela região e por isso resolveu imediatamente proceder à exploração do local onde foram encon-

trados os referidos picos. Estava descoberta a grande estação asturiense de La Guardia e lançado o rastilho para novas explorações na costa galega e portuguesa nos anos subsequentes, que puseram a descoberto várias estações do mesmo tipo, como as de Afife, Carreço e Areosa.

Em 1928 a sede da «Brotéria» é transferida para Lisboa, e é então que Jalhay vem para a nossa capital, ainda que durante mais algum tempo continue preso às explorações galegas.

Uma vez em Lisboa, é nomeado vice-presidente da Secção de Prehistória da Associação dos Arqueólogos ainda em 1928 e, mais tarde, em 1944, 1.º vice-presidente da Direcção da mesma Associação da qual se tornara sócio quando ainda em Espanha.

A partir de 1930 abandona finalmente as explorações na Galiza e vamos assistir a uma série de reconhecimentos no nosso País que vão culminar com a exploração da famosa povoação eneolítica de Vila Nova de S. Pedro que tanto concorreu para lançar luz sobre a época do Bronze em Portugal e a citânia céltico-romana de Sanfins.

A par de vários reconhecimentos e explorações, temos, como estudo de maior importância, nesta primeira fase, o do célebre tesouro pre-romano do Álamo em 1930, na qual toma parte como membro duma comissão de que era presidente o Dr. Joaquim Fontes.

No decorrer do ano de 1932, de colaboração com o então tenente Afonso do Paço, que se tornaria o seu grande auxiliar em Vila Nova de S. Pedro e em Sanfins, dá início à exploração da gruta II da Alapraia do período da grande expansão da cultura do vaso campaniforme, cuidadosamente estudada em vários relatos publicados na «Brotéria» e numa monografia inserta nos *Anais* da Academia Portuguesa de História.

Em 1936 Hipólito Cabaço localizara uma importante povoação eneolítica junto de Vila Nova de S. Pedro, no sítio chamado «Castelo». Sendo notificado o facto à Associação dos Arqueólogos e obtida a cooperação do Instituto para Alta Cultura, e da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, começam os trabalhos da exploração sob a direcção de Jalhay e de Afonso do Paço, que se prolongaram por vários anos, num total de 14 campanhas.

Foi certamente devido aos trabalhos árduos de Vila Nova, à falta de comodidades e até mesmo deficiências de alimentação que a saúde de Jalhay começou a ressentir-se; mas foi também Vila Nova, a famosa povoação

cuja primeira fase deve ser contemporânea da cultura de Palmela e que atravessa toda a época do Bronze, passando pelas culturas de Almeria e El Argar, atingindo mesmo, segundo a opinião de Jalhay a primeira fase da época do Ferro, que, pela sua importância e o muito que contribuiu para o conhecimento do nosso eneolítico, é justamente considerada a sua coroa de glória.

Entretanto, outros trabalhos de menor importância o vão atraindo. Colabora com Breuil, refugiado em Portugal depois da invasão da França por Hitler, faz reconhecimentos em Monsanto e, finalmente, a exploração do esconderijo do concelho de Mação que localiza no Bronze I, Atlântico, da classificação de Santa Ollala, prende deveras a sua atenção.

Uma das suas últimas explorações e também das mais importantes, foi a da Citânia de Sanfins em Paços de Ferreira.

A Citânia já era conhecida e desde o século XVIII que vários autores, como Contador de Argote e mais tarde Martins Sarmiento a ela se referem. Mas coube ao P.^o Jalhay e ao Major Afonso do Paço o terem levado à frente a sua exploração metódica. Jalhay, depois duma primeira visita em 1943, trabalha no sentido da Citânia ser considerada monumento nacional e, tendo obtido o primeiro subsídio, dava início às escavações a partir de 1944.

Foi assim que a Citânia de Sanfins, valioso documento para o estudo dos primórdios da nossa nacionalidade, viu desenterrar-se do seu solo um manancial de riquezas arqueológicas, testemunhos vivos dos povos que aí se estabeleceram — tribus pré-célticas, na melhor das hipóteses, que teriam depois sofrido a celtização e, mais tarde, coagidas pelos romanos, abandonaram os seus castros no alto das montanhas e desceram para a planície.

Nos últimos anos, uma outra ciência mereceu-lhe um carinho especial. Refiro-me à Epigrafia, ciência que enriqueceu com a leitura de várias inscrições como a das 4 lápides dos arredores de Mação e das lápides romanas encontradas em Cárquere, trabalho publicado já póstumamente.

Durante toda a vida teve de desempenhar um duplo papel: de religioso e de homem de ciência. E entregou-se a ambos sem que se pudesse dizer que um afectou o outro. E se muito havia a dizer sobre o Padre, zeloso dos seus deveres religiosos, como se trata duma notícia para uma revista de Arqueologia, é apenas ao homem de ciência que hoje quero referir-me.

Os seus trabalhos, ainda que baseados na descrição minuciosa dos objectos encontrados, não se limitam a uma simples reunião de documentos. Partindo deles, procurou reconstituir o ambiente da época, os costumes, as ocupações, a religião, confirmando hipóteses anteriores, e elaborando outras, como aconteceu em Vila Nova de S. Pedro.

Além do homem de ciência que soube ser em toda a acepção da palavra, foi também o amigo afável e bem disposto que nunca consentiu em subordinar as amizades pessoais às discussões científicas. Ainda há dias, conversando com o meu professor, Ex.^{mo} Sr. Dr. Manuel Heleno, ele me disse: «Senti muito a morte do P.^e Jalhay. Não só porque foi uma grande perda para a ciência nacional, mas porque nele perdi um amigo. Jalhay era um verdadeiro cavalheiro. Mesmo quando as nossas discussões, devido a divergências de pontos de vista, se tornaram mais ásperas, nunca deixou que essas discussões afectassem as nossas relações pessoais».

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

- 1—Antiguedades ibéricas y romanas en el partido de Briviesca (Burgos)—(Barcelona, 1921).
- 2—Epigrafia romana inédita de la Provincia de Burgos (Barcelona, 1921).
- 3—Nuevos descubrimientos arqueologicos em Hermosilla (Provincia de Burgos)—(Barcelona, 1932).
- 4—Las piedras sepulcrales romanas de La Bureba (Burgos)—(Barcelona, 1933).
- 5—El Asturiense em Galicia (Orense, 1925).
- 6—Un nuevo castro gallego (Cya-Pontevedra)—(Orense, 1927).
- 7—A estação asturiense de La Guardia (Lisboa, 1928).
- 8—Algumas notas sobre o asturiense da Galiza (Barcelona, 1929).
- 9—Algunos ejemplares de arte rupestre en los alrededores de Oya (Orense, 1929).
- 10—Un nuevo conchero prehistórico (Orense, 1929).
- 11—Nuevas manifestaciones del arte rupestre en el noroeste de la Península (Orense, 1931).
- 12—O tesoiro de Álamo (Lisboa, 1931).
- 13—Novas descobertas arqueológicas no sul da Galiza e norte de Portugal (Lisboa, 1932).
- 14—L'industrie de type asturien sera-t-elle une industrie purement locale? (Londres, 1932).
- 15—Serão pre-asturienses as estações pre-históricas do litoral galaico-minhoto? (Lisboa, 1933).
- 16—Uma nova hipótese sobre a utilização da indústria lítica de tipo asturiense (Guimarães, 1935).
- 17—Alguns raspadores da indústria galaico-minhoto de tipo asturiense (Lisboa, 1933).
- 18—A adaga da Quinta da Romeira (Lisboa, 1934).
- 19—Alguns cossoiros notáveis do «castelo» de Tendais (Lisboa, 1934).
- 20—El culto del hacha en el castro de Santa Tecla (Orense, 1934).
- 21—As grutas de Alapraia (Lisboa, 1935).
- 22—A cerâmica eneolítica de Alapraia e a cultura do vaso campaniforme (Lisboa, 1936).
- 23—Uma curiosa estatueta de barro (Lisboa, 1936).
- 24—Estela funerária de Alenquer (Lisboa, 1935).
- 25—As novas directrizes no estudo da pre-história (Lisboa, 1936).

- 26 — A localização das indústrias pre-históricas no quadro geral das glaciações quaternárias (Lisboa, 1936).
- 27 — O paleolítico na Beira Baixa (Lisboa, 1936).
- 28 — O significado da arte animalista quaternária (Lisboa, 1938).
- 29 — Paleo e mesolítico português (Lisboa, 1941).
- 30 — A gruta II da necrópole de Alapraia (Lisboa, 1941).
- 31 — A civilização neo-eneolítica portuguesa (Lisboa, 1942).
- 32 — A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro — Campanhas de 1937 e 1938 (Lisboa, 1939).
- 33 — A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro — Campanhas de 1939, 1940 e 1941).
- 34 — A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro — Campanhas de 1942 (Lisboa, 1943).
- 35 — A entrada em forma de orifício ou porta de alguns monumentos sepulcrais pre-históricos (Lisboa, 1943).
- 36 — O Doutor José Leite de Vasconcelos pre-historiador (Lisboa, 1943).
- 37 — O castro eneolítico de Vila Nova de S. Pedro e as suas relações com o Norte Africano e Mediterrâneo Oriental (Porto, 1943).
- 38 — O esconderijo pre-histórico de Porto do Concelho (Mação, Beira Baixa) — Lisboa, 1944).
- 39 — A Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira (Lisboa, 1944).
- 40 — A Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira — 2.ª, 3.ª e 4.ª Campanhas (Lisboa, 1948).
- 41 — Uma joia de ouro na Citânia de Sanfins (Lisboa, 1950).
- 42 — A espada de bronze do moínho do Raposo (Alenquer) — (Orense, 1944).
- 43 — Estação pre-histórica de Montes Claros, Monsanto (Lisboa, 1945).
- 44 — Monumento do casal do Zambujal (Lisboa, 1946).
- 45 — Lápides romanas dos arredores de Mação (Beira Baixa) — (Lisboa, 1949).
- 46 — Inscrições romanas do Museu Regional da Guarda, 1950.
- 47 — Epigrafia amaiense, 1947.
- 48 — As lápides romanas encontradas em Carquere (Resende) — (Lisboa, 1951).

The first part of the paper is devoted to a discussion of the general theory of the subject. It is shown that the theory is based on the assumption that the system is in a state of equilibrium. This assumption is justified by the fact that the system is assumed to be in a state of equilibrium for a long time before the experiment is performed. The theory is then applied to the case of a system of particles in a magnetic field. It is shown that the theory predicts a certain behavior of the system which is in agreement with the experimental results. The theory is then applied to the case of a system of particles in a magnetic field. It is shown that the theory predicts a certain behavior of the system which is in agreement with the experimental results.

The second part of the paper is devoted to a discussion of the experimental results. It is shown that the experimental results are in agreement with the theoretical predictions. The experimental results are then compared with the theoretical predictions. It is shown that the experimental results are in agreement with the theoretical predictions. The experimental results are then compared with the theoretical predictions. It is shown that the experimental results are in agreement with the theoretical predictions.